

O grande silêncio

Pablo Neruda

Enviado por:

Publicado em : 10/10/2008 21:00:00

Todos perguntaram, que aconteceu?
Sem perguntar se perguntavam todos
e começou-se a viver o veneno
sem saber como, da noite pro dia.
Deslizava-se no silêncio como
se fosse neve negra o pavimento,
os famintos ouvidos esperavam
sinal e não se ouvia
senão um surdo rumor numeroso:
eram tantas ausências que se uniam
umas com outras como um buraco
a outro buraco, e outro, outro e mais outro
vão fazendo uma rede, e essa é a pátria:
sim, de súbito a pátria foi uma rede,
todos foram envoltos no vazio,
numa rede sem fios que amarrava
os olhos, os ouvidos, mais a boca,
e já ninguém sentiu que não tinha
com que sentir, a boca
não tinha direito a ter uma língua,
os olhos não deviam ver a ausência,
o coração vivia emparedado.

Eu fui, eu estive, eu toquei as mãos,
levantei a taça da cor do rio
como pão defendido pelo sangue:
à sombra da honradez da humanidade
dormi e eram esplêndidas as folhas
como se uma árvore só resumisse
todos os crescimentos desta terra,
e fui, de irmão em irmão, bem recebido
com a nobreza nova e verdadeira
dos que com suas mãos postas na farinha
amassaram o novo pão do mundo.

No entanto ali estava nesse tempo
a presença tenaz, uma ferida
de sangue e sombra que nos acompanha:
o que passou, o silêncio e a pergunta
que não se abriu na boca, que morreu

na casa, no caminho, pela usina.
Alguém faltava, mas não poderia
a mãe, o pai, o irmão, e mais a irmã,
e olhar o vazio de uma ausência atroz:
o olhar do ausente era como um estigma:
e não poderia olhar o companheiro
ou perguntar, sem converter-se em ar,
e passar ao vazio, num de repente,
sem que ninguém notasse ou que soubesse.
